

Almanaque do Bom Homem Ricardo: práticas educacionais norte-americanas e sua circulação no Brasil Oitocentista

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento^I
Tâmara Regina Reis Sales^{II}

RESUMO

Na perspectiva da História Cultural, este texto insere-se na História da Educação, objetivando analisar representações da cultura norte-americana a partir do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e averiguar as práticas educacionais presentes na obra. O sucesso de Benjamin Franklin como editor foi o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, publicado a partir de 1732 até o ano de 1757. O exemplar analisado refere-se à última publicação. O referencial teórico pauta-se no conceito de cultura (Elias, 1994) e, na noção de representação (Chartier, 1990). Um dos procedimentos utilizados foi o método indiciário (Ginzburg, 1989). Com a identificação de mais de 20 anos de circulação do Almanaque no Brasil oitocentista, pode-se perceber o quanto essa forma de literatura se propagou. Além disso, a grande tiragem de exemplares impressos e circulados nos revela o quanto essa obra foi difundida, deixando um legado da sua importância para a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Educação; Impressos; Almanaque do Bom Homem Ricardo.

Good Man Richard's Almanac: American educational practices and its circulation in Brazil in the Nineteenth-century

ABSTRACT

From the perspective of Cultural History, this text is inserted in the History of Education, aiming to analyze representations of American culture from *the Good Man Richard's Almanac* and investigate the educational practices found in the book. The success of Benjamin Franklin as a publisher was *the Good Man Richard's Almanac*, published from 1732 until the year of 1757. The sample analyzed refers to the last publication. The theoretical approach is guided by the concept of culture (Elias, 1994), and the concept of representation (Chartier, 1990). One of the procedures used was the evidentiary method (Ginzburg, 1989). With the identification of more than 20 years of circulation of the almanac in Brazil in the 19th century, one can realize how this kind of literature spread. Moreover, the large circulation of the printed samples reveals how that specific book was widespread, leaving a legacy of its importance to the Brazilian society.

Keywords: Education; Printing material; Good Man Richard's Almanac.

Artigo recebido em 20/02/2014 e aceito em 01/03/2014.

Introdução

Este texto é resultado das investigações realizadas no âmbito do Projeto Brasil, Inglaterra e Portugal: Circulação de Impressos Protestantes e outros Impressos Educacionais durante a segunda metade dos Oitocentos (Edital MCT/CNPq 14/2010, Faixa B). Está ancorado na História Cultural e inserido na História da Educação, e tem como finalidade analisar representações da cultura norte-americana no Brasil, a partir do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e averiguar as práticas educacionais presentes no livro de Benjamin Franklin, na segunda metade do século XIX. Para tanto, buscamos compreender o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo* como um objeto cultural, por ser uma fonte rica para a História da Educação e divulgar práticas educacionais que caracterizam o comportamento da sociedade norte-americana num determinado contexto e época. De acordo com Circe Bittencourt (2008), “a leitura de um livro é ato contraditório, e estudar seu uso é fundamental para o historiador compreender a dimensão desse objeto cultural”^{III}.

Segundo Circe Bittencourt, os livros são importantes meios de disseminação de ideias, crenças e valores de uma população. Nesse sentido, acreditamos que este trabalho está inserido na corrente historiográfica da História Cultural, pelo fato dessa corrente ter como principal objeto “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”^{IV}. Uma das suas principais características é expandir o conhecimento sobre as diversificadas fontes, as quais poderão ser utilizadas como fontes históricas. De acordo com Ester Nascimento, “o aporte teórico da História Cultural tem possibilitado aos pesquisadores da área a ampliação de seus horizontes de investigação, buscando novos objetos, incorporando fontes diversificadas [...]”^V.

No contexto do século XVIII, Benjamin Franklin transcorreu por múltiplos acontecimentos que merecem destaque, dentre eles, o foco deste artigo que é a sua obra, o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, na qual ele representou a cultura do grupo social ao qual estava inserido. Assim, o referencial teórico desse estudo pauta-se em Nobert Elias (1994) e em Roger Chartier (1990), os quais oferecem conceitos indispensáveis para a realização dessa pesquisa, tais como cultura e representação.

Com a perspectiva de uma vida de progresso e democracia, a cultura norte-americana torna-se um espelho para o Brasil e, através de uma obra escrita com princípios norte-americanos, como é o caso do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, aspectos dos ideais dessa cultura foram difundidos em nosso país. Elias (2004) compreende a cultura como tudo aquilo que distancia o homem da natureza. Para ele, a cultura diz respeito às práticas sociais, as quais são fundamentalmente civilizatórias, abrangendo os âmbitos educacional, econômico, religioso, artístico, político, moral e técnico.

Desta forma, analisamos o Almanaque como um material utilizado para educar determinados grupos na sociedade, buscando indícios para evidenciá-lo como utensílio de propagação de práticas educacionais. Tais práticas passaram a ser valorizadas no Brasil dos oitocentos, e o modelo norte-americano tornou-se referência no campo educacional brasileiro. As ideias de riqueza, progresso, frugalidade, valorizaram a cultura norte-americana e foram imbuídas no cenário educacional brasileiro por meio de escolas e igrejas.

Um dos procedimentos que foram utilizados na realização desta pesquisa é o método indiciário elaborado por alguns historiadores, como é o caso do italiano Carlo Ginzburg (1989) para auxiliar no desvelamento de práticas culturais. Para Ginzburg (1989), ninguém aprende o ofício do historiador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição,

pistas, sinais, indícios. Utilizamos esse método para compreender e interpretar de maneira mais clara o impresso analisado.

Práticas Educacionais Norte-Americanas no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*

Os feitos realizados por Benjamin Franklin fizeram-no um homem de sucesso na sociedade em que viveu e por onde passou. Nascido em 17 de janeiro de 1706, em Boston, Nova Inglaterra, filho de Josiah Franklin e Abiah Folger, foi à escola aos oito anos de idade, porém possuía uma extraordinária precocidade em aprender a ler. Com uma inclinação para os livros, aos 12 anos, começou a trabalhar como aprendiz do irmão James, que era tipógrafo. Franklin afirmou em sua autobiografia, escrita em 1771: “Em pouco tempo alcancei grande competência nesse trabalho e me tornei um braço útil para meu irmão. Tinha agora acesso aos melhores livros”^{VI}.

Fruto de família protestante, a qual pertenceu durante muito tempo fiel à Igreja da Inglaterra, Benjamin Franklin foi educado como presbiteriano, porém não frequentava as cerimônias religiosas públicas. Ele havia composto uma liturgia para uso particular, ainda em 1728, intitulada “Artigos de fé e atos religiosos”. Resultante das leituras que realizava, aos 20 anos de idade, ele pregava intensamente as virtudes morais, as quais enumerou em sua autobiografia, e seguem abaixo com seus respectivos preceitos:

1. Temperança – Não comer até o embrutecimento nem beber até a embriaguez.
2. Silêncio – Não falar senão do que pode ser benéfico para os outros ou para nós mesmos; e evitar as conversações frívolas.
3. Ordem – Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar; destinar uma hora para cada uma das nossas tarefas.
4. Resolução – Resolver cumprir o que é dever; e cumprir, sem falhar, o que se resolve.
5. Frugalidade – Não fazer despesas senão em benefício próprio ou em benefício de outrem, isto é, não desperdiçar.
6. Aplicação - Não perder tempo; ter sempre entre mãos qualquer trabalho útil; suprimir todas as ações desnecessárias.
7. Sinceridade – Não recorrer a ludíbrios prejudiciais; pensar sem ideia preconcebida e com justiça; e ao falar, fazê-lo de conformidade com este princípio.
8. Justiça – Não prejudicar ninguém fazendo o mal, ou omitindo benefícios que constituem o nosso dever.
9. Moderação – Evitar os extremos, abster-se de guardar ressentimento pelas injúrias, na medida em que as consideramos merecidas.
10. Limpeza – Não tolerar a falta de limpeza no corpo, no vestuário ou na habitação.
11. Tranquilidade – Não se perturbar com insignificâncias nem com acidentes correntes e inevitáveis.
12. Castidade – Usar raramente do prazer da carne e apenas para benefício do organismo, tendo em vista a descendência; jamais até o embrutecimento, ou o debilitamento, ou em prejuízo da própria paz e reputação, ou da paz e da reputação de outrem.
13. Humildade – Imitar Sócrates e Jesus^{VII}.

Franklin almejou adquirir o hábito de todas estas virtudes, julgando, então, que seria preferível não dispersar a sua atenção tentando abarcar todas elas de uma única vez, mas “quando tivesse conseguido dominar uma delas, passaria à seguinte e, assim, sucessivamente, até conseguir dominá-las todas [...]”^{VIII}.

O seu grande êxito editorial foi o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, no qual ele utilizou o pseudônimo *Richard Saunders*. Publicado a partir de 1732, o Almanaque é um anuário de informações gerais, cheio de provérbios de Franklin, como: “um tostão poupado é um tostão ganhado”, “é difícil que um saco vazio se conserve em pé”, “a experiência é uma escola rara, mas os tolos não querem aprender noutra”, “nada é inevitável, exceto a morte e os impostos”, “Deus ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos”.

Foram localizadas duas obras, em outro idioma, que se referem ao *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, ambas intituladas *A Sciencia do Bom Homem Ricardo* ou *Meios de fazer Fortuna*, localizadas no acervo digitalizado da Biblioteca Nacional de Portugal e, na Coleção Folhetos Evangélicos, as quais circularam entre grupos protestantes no Brasil^{IX}. Considerado um dos documentos fundamentais da história norte-americana, tal circulação é resultado da presença de elementos desta cultura no Brasil.

Segundo Almeida e Nascimento,

A circulação de impressos favoreceu a circulação de ideias, saberes e práticas educativas e religiosas norte-americanas. A imprensa teve significativa responsabilidade pela circularidade de culturas, uma vez que possibilitou a socialização da palavra impressa, rompendo com a posse da cultura letra daqueles mais abastados. A circulação de impressos, enquanto estratégia para difundir novos ideais religiosos, práticas educativas protestantes e norte-americanas pôs a palavra escrita religiosa ao alcance de muitos brasileiros que não tinham acesso a cultura letrada^X.

Para a historiadora Margareth Brandini Park, “o almanaque é um livro destinado a todas as pessoas, “mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem “ler””^{XI}. Ainda segundo a historiadora “ler os almanaques populares seria estabelecer entre o que foi “lido”, vivido e o que se vive, mas recuperando também as memórias da leitura vivenciadas. Lê-se o conhecido, através de sabedorias anteriores”^{XII}. Durante o período de publicação e anos posteriores, um almanaque poderia ser encontrado em qualquer casa norte-americana, sendo este um dos poucos materiais impressos que circulavam na sociedade e de fácil acesso.

Observar a maneira que este impresso foi escrito e como contribuiu para a população da época em que circulou, levando conhecimentos úteis é uma tarefa importante para o historiador. Nesta perspectiva, foi adotado o conceito de representação de Chartier (1990). Para ele, ao criarem representações, os indivíduos descrevem a realidade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse. Este entende que os impressos são dispositivos através dos quais os indivíduos visam impor determinadas representações do grupo social em que se encontram inseridos, e esta foi perceptível, ao analisar a materialidade do impresso, que o *Almanaque do Bom Homem Ricardo* está imbuído de representações, as quais Benjamin Franklin estava introduzido.

O *Almanaque do Bom Homem Ricardo* está impresso e encontra-se em inglês, o que demandou de início sua tradução. Intitulado *Poor Richard's Almanac*, foi publicado no ano de 1757, pela Editora *David McKay Company – Washington Square – Philadelphia* e impresso nos Estados Unidos da América. O documento contém 132 páginas, tem formato de bolso, encontra-se dividido em um Prefácio, Introdução e 11 capítulos.

Os provérbios contidos no *Almanaque do Bom Homem Ricardo* eram montados por Benjamin Franklin para alcançar até a sua última publicação, datada de 1757.

A intenção de todos esses conselhos, portanto, tinha um foco capaz de causar uma ótima impressão. A obra sendo aprovada, era copiada em todos os jornais do continente e reeditada em massa em Britânico, para ser enfiada nas casas; duas traduções eram feitas em francês e muitos compravam para o clero e para a alta burguesia, para distribuir grátis entre paroquianos pobres e arrendatários. Na Pensilvânia, como era desencorajadoras e supérfluas as despesas estrangeiras, alguns pensavam que ter esse compartilhamento influenciava proporcionalmente no crescimento abundante de dinheiro que foi observado por muitos anos depois da publicação^{XIII}.

Ao analisar o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, buscamos interpretar os conteúdos veiculados, evidenciando, em algumas passagens do texto, como os modos de agir e pensar de Benjamin Franklin influenciaram o seu escrito. Baseada nas 13 virtudes que Franklin almejava alcançar foi feita a interpretação desta obra, procurando ver os indícios captados nas entrelinhas do referido impresso. Além de almejar adquirir o hábito de todas essas virtudes, Franklin difunde-as para a população, através do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, a fim de moldar o comportamento e hábito da sociedade norte-americana.

O primeiro capítulo do Almanaque, intitulado Planos para Salvar Mil Libras, é datado de 1756. Neste, o autor dá conselhos de como economizar dinheiro. Benjamin Franklin demonstra, neste capítulo, a frugalidade como uma virtude imprescindível no caráter. Supondo que metade das despesas seja feita com coisas supérfluas, Franklin a apresenta sugestão para salvar a outra metade. Nos tópicos ele diz que antes de comprar novas roupas, deve-se observar bem as que você já possui e vê se não pode usá-las por mais tempo; se você bebe vinho ou chá duas vezes por dia, passe a beber apenas uma vez, isto economizará e durará mais tempo; enfim, no final do ano sobraria milhares de libras. Além disso, o autor alerta ao leitor para não exceder a quantidade da bebida, a qual se aplica a virtude temperança.

Com o título Dicas Necessárias para Aquele que Seria Rico, o segundo capítulo foi escrito no ano de 1736. Como o próprio nome sugere, no decorrer do capítulo são dados conselhos de como se tornar rico, por exemplo, na passagem “Sim, para comprar, o melhor é pagar a vista, [...]. Os que pagam a crédito, pagam o lucro do vendedor. “A cada tostão poupado, são dois centavos salvos; um centavo de libra é um dia de um ano”^{XIV}. A virtude ressaltada neste capítulo é a frugalidade, pois o autor afirma que não se deve desperdiçar futilmente uma libra no dia.

O terceiro capítulo, Conselho para um Jovem Vendedor, foi escrito no ano de 1748. Benjamin Franklin encerra este capítulo com o termo “um comerciante velho”, e neste escreve dicas para o seu amigo, identificado por “A. B.”. Em algumas passagens deste texto, além da frugalidade, é evidenciada a importância da virtude intitulada aplicação. Escritos como “Se lembre de que tempo é dinheiro”, “Se lembre de que crédito é dinheiro”, “Lembre-se que o dinheiro é de natureza política”, “Cuidado ao pensar em suas posses e aceitar o crédito”, são sugestões que ele dá ao leitor no decorrer do capítulo, mostrando a importância das virtudes que almeja seguir. A justiça é enfatizada quando o autor afirma que a pontualidade e a justiça nos negócios, contribuem para a criação de um jovem no mundo. Benjamin Franklin finaliza com duas das virtudes morais, frugalidade e sinceridade:

Em suma, o caminho da riqueza é tão claro quanto o caminho do mercado, é só desejá-lo. Depende principalmente de duas palavras, indústria e frugalidade; isto é, não perder tempo nem dinheiro, e sim fazer o melhor com os dois. Sem indústria e frugalidade nada acontece, e com elas tudo. Aquele que recebe tudo que pode honestamente e guarda tudo que recebe (exceto despesas desnecessárias), certamente se tornará rico, se aquele que governa o mundo, a quem todos devem procurar uma bênção aos seus esforços honestos, não leva, em sua sábia providência^{XV}.

Intitulado À Procura do Tesouro Escondido, o capítulo quatro é composto por uma série de ensaios de Benjamin Franklin. O autor narra uma carta que recebeu, assinada por *Titan Pleiades*. Na carta, o remetente diz ao General da Província da Pensilvânia, na época Benjamin Franklin, que ele não pode ser ignorante, afirmando existir grandes somas de dinheiro escondido no subsolo de vários lugares daquela cidade e em muitas partes do país. Após receber a carta, Franklin visita um amigo, e este assegura não haver ouro e nem prata na Província. Benjamin Franklin completa:

ESTER FRAGA VILAS-BÔAS CARVALHO DO NASCIMENTO
TÂMARA REGINA REIS SALES

Este rumor antigo de escavação de dinheiro, através de uma crença de que piratas esconderam, foi por muitos anos acreditado entre nós; de modo que você não anda mais de um quilômetro pela cidade sem ver vários poços escavados, e até alguns foram abertos recentemente. Homens sem bom senso foram atraídos para essa prática por um desejo arrogante de riqueza súbita e uma credulidade fácil do que eles estão ardentemente desejando ser verdade; enquanto os métodos mais racionais e certos de ficar rico são esquecidos^{XVI}.

Nessa passagem, fica evidente o ato de moderação defendido por Benjamin Franklin, o qual aconselha que as pessoas evitem os excessos, mantendo sempre o equilíbrio em suas atitudes. Ele conclui o capítulo com as palavras de um amigo agrícola, Chester County, que deu ao filho uma boa plantação: “‘Meu filho’, disse ele, ‘Eu te dou agora uma parcela valiosa de terra; garanto-te que encontrei uma boa quantidade de ouro cavando lá; você pode fazer o mesmo, mas deve observar atentamente, nunca cavar mais de um arado de profundidade’”^{XVII}.

O capítulo cinco, cujo título é Observações sobre os Selvagens da América do Norte, apresenta inicialmente uma breve explicação do uso do termo *selvagens*. “SELVAGENS nós os chamamos, pois seus costumes são diferentes dos nossos, que nós pensamos que a civilidade é perfeita e eles pensam o mesmo deles”^{XVIII}. Benjamin Franklin compara o sistema de vida dele com o dos índios e traz um exemplo claro que ocorreu no Tratado de Lancaster, na Pensilvânia, em 1774, entre o governo da Virgínia e das seis nações indígenas. A proposta dada foi a seguinte,

Depois que o principal negócio é resolvido, os comissários da Virgínia familiarizam os índios com um discurso em uma faculdade de Williamsburg, com uma bolsa pra a educação da juventude indiana, e que se os chefes das seis nações descerem meia dúzia de seus filhos para a faculdade, o governo cuidará para que eles sejam instruídos em toda a aprendizagem dos brancos^{XIX}.

Como era regra dos índios não responder as propostas no mesmo dia, por questão de respeito, cultura e por considerarem um assunto importante perante quem levasse as informações e sugestões, adiaram o argumento para o dia seguinte. Em resposta, os índios disseram:

Estamos convencidos, portanto que vocês só querem o nosso bem com essa proposta, e agradecemos de coração. Mas você, que é sábio, deve saber que diferentes nações têm diferentes concepções das coisas; e, portanto, não nos levem a mal se nossas ideias sobre esse tipo de educação não são as mesmas. Temos tido algumas experiências assim. Vários jovens nossos foram criados anteriormente nas Províncias do norte, eles foram instruídos em todas as suas ciências; mas quando eles voltaram para nós eles eram maus corredores, ignorantes sobre a floresta, incapaz de suportar o frio e a fome, nem sabiam construir uma cabana, pegar um veado, nem matar um inimigo, e falou nossa língua imperfeitamente; não serviram para caçadores, guerreiros nem conselheiros – eles não eram bons para nada. Estamos, no entanto, muito agradecidos pela sua oferta, embora não aceitemos; e para mostrar nosso sentimento de gratidão, se os senhores nos enviarem uma dúzia de seus filhos, vamos tomar muito cuidado com a sua educação, instruímos em tudo que sabemos e fazê-los homens^{XX}.

Segundo Franklin, os selvagens sempre evitaram disputas, e uma das grandes dificuldades que os missionários enfrentaram foi tentar convencê-los ao Cristianismo, esse era o maior desafio da missão. Os índios ouviam o evangelho, respeitavam aquela crença, mas

por civilização, sem se convencerem daquelas palavras. Constantemente questionavam os brancos, já que ouviam as histórias deles, e quando iam contar as suas, eles não acreditavam. Julgavam-nos então de mal instruídos nas regras da civilidade comum e sem educação.

Uma Petição da Mão Esquerda, o sexto capítulo do Almanaque, é destinado aos superintendentes da educação. Este breve texto, descreve os preconceitos pelo qual o autor é vítima. Neste, percebe-se a tentativa da virtude justiça, quando Benjamin Franklin narra que:

Desde a minha infância fui levado a considerar a minha irmã como um ser de grau mais elevado. Eu sofri ao crescer sem o mínimo de instrução, enquanto nada foi poupado na sua educação. Ela tinha mestres para ensinar a escrever, desenhar, aprender música e outras coisas; mas se eu tocasse um lápis, uma caneta ou agulha, eu era censurado; e mais de uma vez tenho sido espancado por ser estranho e quero uma forma graciosa. É verdade, minha irmã me leva com ela em algumas ocasiões; mas ela sempre fez questão de assumir a liderança, me convidando apenas por necessidade ou para figurar ao lado dela^{XXI}.

E finaliza com um pedido aos amigos de juventude, “Condescender, senhores, para fazer meus pais sensíveis da injustiça de uma ternura exclusiva e da necessidade de distribuir o seu carinho e afeto igualmente entre seus filhos”^{XXII}.

O sétimo capítulo é intitulado O Assobio, cuja informação contida na nota de rodapé do título é que foi escrito por Franklin para o Senhor Brillon, em 10 de novembro de 1779, quando ele foi enviado à Corte da França. Ele relata que recebeu duas cartas, uma quarta-feira e outra sábado, e escreveu a resposta. Dizia estar encantado com a descrição que recebeu do paraíso e o plano de vida que fez lá. Benjamin Franklin conta ainda uma história da sua infância. Neste capítulo são perceptíveis os preceitos da virtude frugalidade elencada por Franklin, evidenciando o ato de não desperdiçar. Em uma das passagens, ele relata que:

Quando eu era criança de sete anos de idade, meus amigos, em um feriado encheram meu bolso com moedas de cobre. Eu fui diretamente para uma loja onde vendiam brinquedos de criança e sendo encantado com o som de um apito que eu reconheci no caminho nas mãos de outro garoto eu me ofereci voluntariamente e dei todo meu dinheiro. Então eu voltei para casa e passei assobiando por toda a casa, muito satisfeito com o meu apito, mas perturbando toda a família. Meus irmãos, irmãs e primos entendendo o que eu tinha feito me disse que eu tinha pago quatro vezes mais pelo apito, me disseram as coisas boas que eu poderia ter comprado com o dinheiro e riram tanto de mim que eu chorei de vexame; e a reflexão me deu mais desgosto do que o apito me deu prazer^{XXIII}.

Benjamin Franklin dá vários conselhos para as pessoas não pagarem demais pelo seu apito, e finaliza expondo que “eu considero que grandes partes das misérias da humanidade são trazidas pelas falsas estimativas que fizeram do valor das coisas, e por pagar demais pelos seus apitos”^{XXIV}.

O capítulo oito, Diálogo entre Franklin e Gout, está datado de 22 de outubro de 1780. O diálogo entre Franklin e Gout, seu médico, transcorre sobre a saúde de Benjamin Franklin, que constantemente o critica pelas falas exaustivas. No diálogo, Franklin lamenta sobre o seu sofrimento, o médico, por sua vez, o alerta para as coisas que ele fez durante a sua vida, como o ato de comer e beber demais e em horas impróprias, e o seu estado sedentário, já que ele passou parte da sua vida se detendo a inúmeras leituras, não permitindo por uma ordem, destinando assim uma hora para cada tarefa. Franklin finaliza o discurso prometendo se exercitar diariamente a fim de manter-se saudável.

Intitulado *A Arte de Aquisição de Sonhos Agradáveis*, o nono capítulo versa sobre os sonhos, agradáveis ou não, que temos ao dormir. Enfatiza a preservação da saúde do indivíduo, o qual deve ter uma ordem para as tarefas cotidianas, realizada com uma boa alimentação, evitando a temperança, exercícios diários e dormindo ao ar livre, pois quanto mais desconforto, quando o corpo está inquieto, a mente será perturbada e haverá maior tendência de ter sonhos desagradáveis. Desta forma, são elencados remédios preventivos e curativos, que são comer com moderação para transpirar melhor e usar roupas de cama mais fina.

O Efêmero: um emblema da vida humana, o décimo capítulo, foi escrito em 1778, destinado ao Senhor Brillon, da cidade de Passy. Neste, Benjamin Franklin relata para o amigo o quanto a vida é passageira, mencionando passagens como “Tenho visto as gerações nascerem, florescerem e expirarem” e “Arte é longa e a vida é curta”.

E por fim, o décimo primeiro capítulo, intitulado “Para Senhorita Georgiana Shipley”: com a perda do seu esquilo americano, que fugindo da sua gaiola, foi morto pelo cachorro de um pastor. Este texto foi escrito em Londres e datado de 26 de setembro de 1772. Benjamin Franklin registrou para a senhorita Georgiana, lamentando a morte do seu esquilo Mungo e lhe escreveu um epitáfio como homenagem. Franklin, utilizando-se de metáforas, registra que aquele esquilo era muito especial, possuía uma boa educação e poucos foram criados como ele.

Através destas passagens, é perceptível a presença de algumas das virtudes elencadas por Benjamin Franklin no seu escrito aqui analisado. Desta forma, além de almejar adquirir o hábito de todas essas virtudes, Franklin difundiu-as entre a população, através do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, com o propósito de moldar o comportamento e o hábito da sociedade norte-americana.

Mapeamento da Circulação do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* no Brasil

Alguns textos nos deram subsídio acerca da circulação do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* em escolas brasileiras, bibliotecas, bem como em escolas de outros países. A circulação dos textos referentes ao *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, de Benjamin Franklin, se expandiu por várias Províncias do Brasil e perdurou por mais de 20 anos, com uma quantidade de mais de 42.398 exemplares impressos.

O texto de Elomar Tambara^{xxv}, intitulado *Livros de Leituras nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX*, teve como objetivos “identificar e tipificar os textos de leitura utilizados nas escolas primárias na província de São Pedro do Rio Grande do Sul no século XIX. [...] e comprovar quais os compêndios de leitura se encontravam efetivamente nas aulas de primeiras [...]”. Tambara afirmou ainda que no final da década de 1850, a obra *A Ciência do Bom Homem Ricardo* de Benjamin Franklin, se tornou uma presença frequente até o final da década de 1880. O autor elencou também a “relação dos utensílios pertencentes à Escola pública de instrução primária da Villa de Cachoeira em 31 de dezembro de 1858”, e dentre os materiais, foram localizados “Vinte Compêndios da Sciencia do Homem Ricardo”^{xxvi}. Vale destacar que o governo distribuía estes livros para os alunos “pobres” e o restante adquiria no mercado, aumentando assim a indústria editorial de livros no Brasil.

Em outro texto de Elomar Tambara, *Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil*, ele afirma que a obra “*A Ciência do Bom Homem Ricardo* ou Aforismos domésticos para legítimos constitucionais” é um compêndio do “*Almanach do bom homem Ricardo*”, cuja publicação teve imediata circulação no mundo inteiro. “Somente na França, em menos de quatro anos foram comercializados mais de 40.000 exemplares”^{xxvii}.

Desta forma, segundo Robert Darnton, “[...] Franklin parecia estar em toda parte como ‘Le Bonhomme Richard’, a encarnação do bom senso e do homem comum, no almanaque de todo mundo [...]”^{XXVIII}. Essa afirmação mostra uma grande circulação também fora do Brasil, ressaltando a presença dos Estados Unidos da América na França.

De acordo com Elomar Tambara, o *Bom Homem Ricardo*, era um texto de leitura de cunho “ideológico-moral”, o qual foi distribuído nas escolas públicas primárias, pelo governo provincial, na Província da Bahia, em 1871. Ainda na Bahia, segundo Silvia Capanema Almeida (2010), em seu texto *A modernização do material e do pessoal da Marinha nas vésperas da revolta dos marujos de 1910: modelos e contradições*, a autora afirma que nas escolas de aprendizes de Marinheiro de Salvador, no período de 1860, os alunos já “davam Bom Homem Ricardo”.

Na obra escrita pela pesquisadora Clarice Nunes, intitulada *Anísio Teixeira e os desafios da educação contemporânea*, a autora realiza uma reflexão acerca da vida e obra de Anísio Teixeira, o principal idealizador das grandes mudanças na educação brasileira na década de 20, difusor dos pressupostos do movimento da Escola Nova e pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis. No texto, a autora afirma que na trajetória de Anísio, ele deparou-se com a pobreza de recursos materiais e humanos, a dispersão e a desarticulação dos serviços educativos, o despreparo do professor, a imoralidade, a corrupção e a acomodação dos poderes públicos. A autora afirma que:

As poucas escolas em funcionamento estavam concentradas em Salvador, localizadas em antigas residências, muitas em ruínas. Era generalizado o costume de o professor custear, com seus próprios recursos, o aluguel da sala ou do prédio em que instalava as “cadeiras”. O governo não oferecia mobiliário escolar, nem o professor a adquiria. Cabia ao aluno fornecer cadeiras e mesas improvisadas com barricas, caixotes, pequenos bancos de tábua, tripeças estreitas e mal equilibradas, cadeiras encouradas ou tecidas a junco. Anísio chegou a presenciar que era comum os estudantes escreverem nochão, estirados de bruços sobre papéis de jornal ou, então, fazerem seus exercícios de joelhos, ao redor de bancos ou à volta das cadeiras. Faltava material didático, particularmente livros. Excepcionalmente, era possível encontrar ainda, no sertão baiano, o *Almanaque do bom homem Ricardo*, de Benjamin Franklin, que, traduzido para o português, serviu como manual de leitura da escola primária no interior do país desde a segunda metade do século XIX e instruiu baianos ilustres como Afrânio Peixoto^{XXIX}.

Desta maneira, pode-se observar que mesmo naquele cenário, com péssimas estruturas e falta de livros didáticos nas escolas, pode-se notar a presença do *Almanaque do bom Homem Ricardo* circulando como material de leitura da escola primária do sertão baiano, durante quase meio século.

Enfim, através das práticas educacionais que foram evidenciadas neste manual de instruções – o *Almanaque do bom Homem Ricardo* – foram postos em circulação, no território brasileiro, aspectos de representações da cultura norte-americana.

Considerações Finais

O Almanaque, um livro de bolso, impresso em inglês e elaborado há mais de dois séculos, era uma forma popular de literatura, que continha diversos conhecimentos. Ele perdurou por muitos anos entre as populações norte-americana, francesa, brasileira, entre outras, obtendo importância para a população, transformando seus hábitos e valores. Dividido

em 11 capítulos, com assuntos que tratam sobre a frugalidade, como tornar-se rico, ter uma vida saudável, seguir ordens pré-estabelecidas, ser uma pessoa sincera e justa, esta obra teve muito a contribuir para a sociedade em que circulou.

Desta forma, o seu autor, Benjamin Franklin, contribuiu para a difusão de saberes e práticas educacionais. As passagens do Almanaque abordadas mostram como, através de uma escrita simples, Benjamin Franklin teve a intenção de transmitir ao leitor a importância de adquirir, como princípios de vida, as virtudes que foram almejadas por ele e representam o ideário de uma cultura norte-americana.

Através do mapeamento realizado, foi identificado mais de 20 anos de circulação do Almanaque no Brasil, de 1858 a 1881, com uma quantidade de mais de 42.398 exemplares impressos. Assim, pode-se perceber o quanto essa forma popular de literatura se propagou. Além disso, a grande tiragem de exemplares impressos e postos em circulação nos revela o quanto esta obra foi difundida no território do Brasil, deixando um legado da sua importância para a sociedade brasileira.

Falar sobre impressos é reportar-se às várias formas materiais, observando e analisando, dentre outros fatores, o suporte e as mensagens contidas, e não apenas adentrando no mundo do texto, mas também do leitor. Não existe história sem documentos, portanto, as fontes escritas são documentos importantes para o historiador. Analisar o impresso *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e entendê-lo como objeto e fonte de pesquisa, torna-se tarefa indispensável para o pesquisador em História da Educação. Pesquisas como esta visam contribuir para a historiografia educacional brasileira, em virtude da necessidade de aumentarmos a quantidade de estudos sobre impressos, livros e leitores.

NOTAS

^I Doutora em Educação (PUC-SP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/CNPq/UNIT). E-mail: ester.fraga@uol.com.br.

^{II} Mestre em Educação (UNIT). Membro do GPHPE/CNPq/UNIT. E-mail: tamara.sales89@hotmail.com.

^{III} BITTENCOURT, 2008, p. 15.

^{IV} CHARTIER, 1990, p. 16.

^V NASCIMENTO, 2011, p. 235.

^{VI} FRANKLIN, 2005, p. 34.

^{VII} FRANKLIN, 2005, p. 108-109.

^{VIII} FRANKLIN, 2005, p. 110.

^{IX} Esta afirmação é fruto da pesquisa realizada por Mirianne Santos de Almeida (2012), cujo objetivo foi compreender, a partir da Coleção Folhetos Evangélicos de Vicente Themudo Lessa, a difusão de saberes e práticas educacionais protestantes. A Coleção Folhetos Evangélicos integra o acervo do Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, localizado em São Paulo, e faz parte também do acervo digitalizado da Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento.

^X ALMEIDA e NASCIMENTO, 2012, p. 76.

^{XI} PARK, 1999, p. 09.

^{XII} PARK, 1999, p. 51.

^{XIII} FRANKLIN, 1757, p. 2-3.

^{XIV} FRANKLIN, 1757, p. 40.

^{XV} FRANKLIN, 1757, p. 45-46.

^{XVI} FRANKLIN, 1757, p. 56-57.

^{XVII} FRANKLIN, 1757, p. 61.

^{XVIII} FRANKLIN, 1757, p. 62.

^{XIX} FRANKLIN, 1757, p. 64.

ALMANAQUE DO BOM HOMEM RICARDO: PRÁTICAS EDUCACIONAIS NORTE-AMERICANAS E
SUA CIRCULAÇÃO NO BRASIL OITOCENTISTA

ESTER FRAGA VILAS-BÔAS CARVALHO DO NASCIMENTO
TÂMARA REGINA REIS SALES

-
- ^{XX} FRANKLIN, 1757, p. 65-67.
^{XXI} FRANKLIN, 1757, p. 82.
^{XXII} FRANKLIN, 1757, p. 84.
^{XXIII} FRANKLIN, 1757, p. 87-88.
^{XXIV} FRANKLIN, 1757, p. 90.
^{XXV} TAMBARA, 2008, p. 1.
^{XXVI} TAMBARA, 2008, p. 5.
^{XXVII} TAMBARA, 2002, p. 40.
^{XXVIII} DARNTON, 2005, p. 139.
^{XXIX} NUNES, 2010, p. 17.

FONTE E REFERÊNCIAS

FONTE

FRANKLIN, Benjamin. **Poor Richard's Almanac**. Philadelphia: David McKay Company, Wahington Square, 1757. Acervo particular de Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mirianne Santos; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Nota prévia acerca da circulação de impressos no Brasil: a Coleção Folhetos Evangélicos. **Revista Leitura. Teoria & Prática**, v. 58, p. 74-79, 2012.

ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. A modernização do material e do pessoal da Marinha nas vésperas da revolta dos marujos de 1910: modelos e contradições. **Revista Brasileira de História Militar**, v. 3, p. 1-22, 2010.

AMORIM, Rone. Benjamin Franklin – o pai de uma nação, 1950. In: FRANKLIN, Benjamin. **Autobiografia**. Tradução Sarmiento de Beires e José Duarte. São Paulo: São Paulo. Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2005, p. 11-16.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FRANKLIN, Benjamin. **Autobiografia**. Tradução Sarmiento de Beires e José Duarte. São Paulo: São Paulo. Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2005.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Considerações iniciais acerca da palavra impressa e as práticas religiosas e educacionais protestantes no século XIX. In: **Revista do Mestrado em Educação**, São Cristóvão, UFS/NPGED, v. 4, 2002, p. 67-85.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Brasil e Portugal: Associações voluntárias e impressos protestantes. In: NASCIMENTO, Aristonildo Chagas Araújo; MOURÃO, Arminda Rachel Botelho (Orgs). **Educação, culturas e diversidades**. Manaus: Edua, 2011, v. 1, p. 233-262.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Livros, leitores e práticas culturais no Instituto Ponte Nova. In: César Augusto Castro, Cláudia Engler Cury. (Orgs.). **Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte Nordeste**. São Luís: EDUFMA, 2011a, v. 2, p. 121-141.

NUNES, Zilda Clarice Rosa Martins. **Anísio Teixeira e os desafios da educação contemporânea**. Recife: Massangana, 2010.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.

SANCHES, Ana Maria Brito. **Virtude, trabalho e riqueza: A concepção de sociedade civil em Benjamin Franklin**. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. **História da Educação**. Pelotas, ASPHE, v. 6, n. 11, 2002, p. 25-51.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Livros de Leitura nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX. In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Aracaju/SE: Universidade Federal de Sergipe/Universidade Tiradentes, 2008, v. 1, p. 1-14.

WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, vol.14, n. 2, 2000, p. 37-43.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2ª ed., rev. São Paulo: Pioneira, 2001.